



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

SÍNDROME DE BURNOUT ENTRE OS DOCENTES DA EDUCAÇÃO

BURNOUT SYNDROME AMONG EDUCATION TEACHERS

Andriely Kelly Miyuri Tavares da Silva Mikoda¹
Carla Cristina Rodrigues Lima Alves²
Helen Paola Vieira Bueno³

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar e entender os principais motivos pelos quais professores adoecem além do psicológico e, conseqüentemente, da saúde física com maior frequência durante a execução de suas funções voltados para sua área de atuação, o magistério. Sabe-se que inúmeros são os desafios quando o docente se propõe a ensinar e exercer sua profissão docente. O aluno é o sujeito em transformação devendo o professor ter o olhar cuidadoso de atenção para esse aluno, assim como, visão direcionada para seu crescimento pessoal e ensino-aprendizagem. Também sem deixar de incluir os alunos com necessidades educativas especiais que precisam ser incluídos em sala normativa, pois lhes são assegurados por seus direitos, portanto, o olhar do professor com esse aluno deve estar voltado para essa nova realidade em sala de aula. Para tanto, a pesquisa buscou refletir sobre os seguintes questionamentos: (a) Quais os fatores que levam os profissionais da educação adquirirem, com um tempo de atuação na docência, a Síndrome de Burnout; (b) Quais as dimensões do Burnout, as frustrações quando o assunto é ensino-aprendizagem no ambiente educacional e (c) Quais devem ser as providências e ações que podem ser tomadas quanto as medidas preventivas sobre a questão do adoecimento do docente durante a atuação no trabalho docente. Contudo, foi necessário obter-se as referências com base em artigos de revistas científicas, artigos de mestrados e doutorados para ser direcionado este Trabalho Final de Curso.

Palavras-chave: Síndrome de Burnout. Professores. Educação. Educação Especial.

¹ Graduação em História. Estudante do Curso de Especialização em Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana (UFMS/CPAQ). E-mail: andrielymikoda@gmail.com

² Licenciatura em Letras-Português. Estudante do Curso de Especialização em Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana (UFMS/CPAQ). E-mail: carla.r.lima@hotmail.com

³ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia. Professora na graduação, especialização, mestrado e pós-doutorado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana (UFMS/CPAQ). E-mail: helen.bueno@ufms.br



ABSTRACT

The aim of this research is to analyze and understand the main reasons why teachers become ill beyond psychological and, consequently, physical health more frequently during the performance of their duties focused on their area of expertise, teaching. It is known that there are countless challenges when teachers set out to teach and practice their teaching profession. The student is the subject in transformation and the teacher must have a careful look at this student, as well as a vision directed towards their personal growth and teaching-learning. Also without forgetting to include students with special educational needs who need to be included in the normative classroom, as their rights are guaranteed to them, therefore, the teacher's perspective with this student must be focused on this new reality in the classroom. To this end, the research sought to reflect on the following questions: (a) What are the factors that lead education professionals to acquire, after working in teaching, Burnout Syndrome; (b) What are the dimensions of Burnout, the frustrations when it comes to teaching-learning in the educational environment and (c) What should be the measures and actions that can be taken regarding preventive measures on the issue of teachers becoming ill while working in teaching work. However, it was necessary to obtain references based on articles from scientific journals, master's and doctorate articles to direct this Final Course Work.

Keywords: Burnout Syndrome. Teachers. Education. Special Education.

1. INTRODUÇÃO

A síndrome de burnout é um fenômeno que se tornou um objeto de estudo em meados de 1970, onde, segundo os autores Maslach, Leiter e Schaufeli (2001), os primeiros artigos foram escritos pelo psiquiatra Freudenberg (1975) e pela psicóloga social Maslach (1976). Ambos os estudiosos traziam diferentes visões referente ao burnout, no qual o primeiro levou em consideração a experiência de um grupo de indivíduos (contando com a dele mesmo) referente ao esgotando emocional e a perda de motivação e comprometimento, o que o levou a rotular tais efeitos como burnout. Por outro lado, a segunda pesquisadora se voltou aos trabalhadores da área de serviços, implicando no estudo do estresse emocional e suas implicações na identidade e comportamento profissional destes indivíduos.

Desde a década de 1970 até a atualidade as pesquisas referentes a síndrome de burnout têm crescido exponencialmente. Devido a sua crescente importância na saúde dos trabalhadores, a partir do ano de 2022, a Organização Mundial de Saúde (OMS) a incorporou na lista de doenças ocupacionais, e no Brasil corresponde ao código QD85, na CID-11. Segundo a definição da OMS, a síndrome de burnout é o resultado de um estresse crônico dentro de um ambiente de trabalho e é caracterizada por três dimensões: a) sentimentos de esgotamento ou exaustão de energia; b) aumento da distância mental do trabalho, ou sentimentos negativos ou cinismo; c) sensação de ineficácia e falta de realizações.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo debater os efeitos da síndrome de burnout sobre os professores da educação. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, debateremos



os fatores que levam tais profissionais a terem os sintomas de burnout, além de buscar compreender o contexto em que estão inseridos.

2. SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E SUAS DIMENSÕES

Atualmente, temos vivenciado um fenômeno de natureza educacional incomum, mas que já acontece há tempos e somente agora vem ganhando forças e suscitando questionamentos entre profissionais de diversas áreas de atuação. Desse modo, a pesquisa será direcionada, especificamente a professores da educação básica que lidam com a formação de pessoas. Quais as causas, fatores, características e dimensões da síndrome de burnout.

Em um primeiro momento é necessário o entendimento quando se refere a definição do termo atualmente chamado, “síndrome de burnout”. Há muito tempo notava-se entre os docentes e, não se entendia o porquê, de queixas constantes vindas da parte dos profissionais da educação, assim como profissionais de outras áreas, as licenças médicas para justificar a ausência desses trabalhadores, o por que desse fenômeno com maior frequência nos profissionais atuantes na educação?

Sobre estes questionamentos, pesquisas em andamento sobre o assunto mostram que o burnout em docentes está relacionado entre outros fatores com o estresse exagerado na carga horária de trabalho desses profissionais, fazendo com que estes exerçam sobre si um auto grau de “cobrança, no que se refere a falta de independência, sobretudo, na criação de estratégias, metodologias, didática de ensino e isso tudo ocasionam a sensação de solidão, frustração e impotência gerando os fatores que será dissertado no decorrer do artigo, as três dimensões do burnout compostos pelo “conceito multidimensional e sociopsicológico” apresentando situações como a percepção do esgotamento de energia e de recursos emocionais, logo, são características em que desencadeiam no docente sentimentos de que não são capazes de gerenciar seu campo afetivo (Exaustão emocional), a “coisificação” dos contatos diários com seu público, geram atitudes e sentimentos negativos, que levam ao tratamento de seus atendidos com ironia ou cinismo (Despersonalização).

Desse modo, a Síndrome de Burnout ao ser conceituada pelos pesquisadores da área em questão quer dizer: “queima” ou “combustão total”, ou seja, um “estado de esgotamento completo da energia individual associado a uma intensa frustração com o trabalho” (Maslach; Schaufeli; Leiter, 2001).

E com base nesse pressuposto, deve-se elucidar um breve contexto histórico do trabalho docente a seguir. De acordo com Christina Maslach (2001), a escola constitui-se a partir do século



XV no período em que emerge uma sociedade disciplinar quanto as transformações da modernidade no que se refere homem sendo o sujeito em “transformação” e “moldável” a uma sociedade dominada pela Igreja (Maslach, p. 15, 2001).

A partir daí abrem-se às chamadas camadas populares para o ensinamento do povo para o aprendizado da leitura das sagradas escrituras, sendo o próprio clero o responsável pelo exercício docente. Em consequência disso, incorporou-se a visão da prática do magistério de que “o professor detém privilégios, com alto nível de qualificação e de autonomia, que o situa no campo do trabalho intelectual em oposição ao trabalho manual” (Moura p. 02, 1997).

A partir disso, o professor desempenha vários papéis, nos quais lhe é exigido que se mostre amigo e companheiro dos alunos e ao mesmo tempo exige-se uma postura de julgamento, disciplinante ao extremo; tal ambiguidade proporciona um estresse emocional intenso em ambas as partes.

Segundo, Nacarato, Varani e Carvalho (2000) op. cit. Carlotto e Câmara (2004, p. 77) a atividade do professor é muitas das vezes estendida/vivenciada como vocação missionária, negando-se à sua ação uma dimensão crítica da ética e das políticas educacionais.

Logo, o sujeito de transformação é a criança em desenvolvimento escolar e com isso gera para a sociedade maior grau de atenção e preocupação sobre a nova ideia de construção de conhecimentos direcionado a esse indivíduo, conseqüentemente, de que forma dar-se-á a elaboração da aprendizagem, sendo esse fenômeno denominado pelos pesquisadores de: “impregnação cultural”, posteriormente, sendo chamada de “escolarização” o qual ganha forças no século XIX. (Krentz, 1986). Isso evidencia-se com o excerto que diz

[...] no contexto da carreira obsessiva e do domínio geral do discurso da eficiência, as escolas, através de mais ilustres reformadores inspirados no mundo da empresa, importaram seus princípios e normas de organização de forma extremada em ocasiões delirantes, mas sempre com notáveis consequência para a vida nas salas de aula (Enguita, 1989, p. 125).

No que diz respeito ao fragmento acima, o discurso da eficácia inclui-se o papel do professor formador sendo aquele responsável por instituir as normas, os princípios, a organização, os valores, os objetivos das metas a serem alcançadas, entre outros atividades, em seu trabalho docente. A escola, portanto, passa a ser o ambiente de idealizações para um futuro atingível, em detrimento disso, surge a cobrança extrema do exercício, “com perfeição,” por parte da instituição e do docente sobre sua atuação em sala de aula.

Segundo Gasparini (2006), as características do trabalho docente no Brasil são evidenciadas pelas “transformações na organização do trabalho docente” como novas exigências



em que a competência desse professor pede um perfil adaptado, ou seja, as rápidas transformações no mercado de trabalho cujo elucidadores modificam a atividade de ensinar e isso requer do docente maior flexibilidade, um profissional proficiente em múltiplas tarefas, e, quando não promovem os meios compatíveis, criam uma sobrecarga de trabalho, conseqüentemente, o agravamento do quadro de tensão e desequilíbrio emocional deste docente. Sobre essa questão, o Ministério da Saúde reconhece a síndrome de burnout sendo mais um problema de saúde a ser tratada em diversas áreas de atuação, sobretudo, nos trabalhadores da educação, como mostra no trecho abaixo

...O Ministério da Saúde reconhece a “Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional” como um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho, que afeta principalmente profissionais da área de serviços ou cuidadores, quando em contato direto com os usuários, como os trabalhadores da educação, da saúde, policiais, assistentes sociais, agentes penitenciários, professores, entre outros (Brasil, 2001).

Este trecho diz respeito as respostas com o passar do tempo a esse docente como consequência dos estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho o qual cria nesse educador o sentimento de exaustão emocional.

Além desses fatores acima mencionados, não se pode deixar de elucidar o fator expectativa que as famílias depositam sobre o trabalho docente, pela falta de tempo que não tem, por alegarem motivos de trabalho, em não se dispor na educação de seus filhos, isso traz como consequência, “a ausência de acompanhamento no processo educativo desse alunado, os quais delegam para escola e para os professores completa responsabilidade do aprendizado dessa criança” (Lapo e Bueno, pg. 22, 2003).

Para acrescentar sobre a questão das expectativas alimentadas pelas famílias, o fragmento abaixo de Lüdke e Boing (2004), elucidam que “[...]os discursos e as expectativas recaem sobre o professor como se este fosse o salvador da pátria, mas, na prática, não são dadas a esse “profissional” as condições necessárias de responder adequadamente ao que se espera dele” (Ludke e Boing, 2004, p. 23).

Sobre a questão das expectativas do professor no trecho citado acima, pode-se dizer, não são poucas essas expectativas e, conseqüentemente são questões que traz apreensão e ansiedade nesse docente, são perguntas que, infelizmente, não depende unicamente do educador as respostas, como:

a) O que devo fazer para diminuir as dificuldades de retenção de aprendizado do meu aluno? b) Quais os caminhos devem-se tomar para que o discente seja motivado na busca do conhecimento? c) E porque as famílias, muitas das vezes, não faz seu papel na tarefa de educar suas crianças? d) Porque



uma parte desses alunos chegam em sala sem limites? E porque as famílias delegam, unicamente para a escola o papel de educar?

Desse modo, quando se trata de a relação família e escola os pesquisadores, Abell e Sewell (1999) afirmam

“A relação com familiares dos alunos, se mostra muitas vezes problemática e estressante, seja pela falta de envolvimento deles no processo educacional – acreditando serem a escola e o professor os únicos responsáveis pela educação dos filhos – seja pelo excesso – acreditando ser o professor incompetente e inexperiente e, muitas vezes, o causador dos problemas apresentados pelo aluno” (Abell e Sewell, 1999, p. 119).

Além dessas perguntas que muitos educadores se fazem, outros fatores estão relacionados e que podem afetar diretamente os resultados dos trabalhos desse docente, gerando, conseqüentemente, estresse, frustrações, ansiedades e problemas de saúde físico e mental do professor. Além de tudo isso, o professor ainda se depara com o julgamento equivocado dos familiares, ou seja, de acordo com: Cherniss (1995), muitos pais acreditam que os docentes estão mais preocupados com seu ganho mensal e com suas férias do que com a educação, lamentavelmente não entendem que lidar com um número significativo de alunos em sala demanda paciência, conhecimento e preparo na ministração de conteúdos, didática para ensinar, metodologia aplicáveis entre outros.

2.1 As dimensões da Síndrome de Burnout

Como foi dito anteriormente, a síndrome de burnout é um fenômeno que atinge profissionais da área de serviços humanos (professores, médicos, policiais, enfermeiras, entre outros). Diante do exposto, essa pesquisa se dedica a pesquisar essa síndrome no âmbito da educação, no qual os professores de diferentes níveis de escolaridade são acometidos. Para se quantificar esses estudos, um dos instrumentos mais utilizados é o “*Maslach Burnout Inventory*” (MBI) que foi desenvolvido por Maslach e Jackson (1981), fundamentado em dados de um questionário e entrevistas, tendo uma escala de frequência que varia de acordo com as respostas.

O MBI é composto por 22 itens que integram as três dimensões do burnout. Para compreender e analisar suas extensões, em base da leitura dos autores de Maslach, Leiter e Schaufeli (2001) e Carlotto (2002), tornou-se evidente a caracterização de cada uma delas, sendo: a) Exaustão Emocional (EE), descrita pela falta de energia, tanto emocional quando física, o que resulta no esgotamento do trabalhador; a) Despersonalização (DE), onde o trabalhador se distancia dos demais indivíduos, os encarando como objetos impessoais; c) Realização Profissional (RP), no qual os



trabalhadores tendem a se avaliarem negativamente em relação ao seu serviço, gerando insatisfação e frustração.

Para se compreender tais efeitos nos docentes, é imprescindível analisar o cenário em que estão inseridos que os levam a experienciar o burnout. Em uma pesquisa realizada pela Unesco em 2004, no capítulo 1 do livro “O perfil dos professores brasileiros”, é debatida a questão do professor no século XXI, onde é necessária uma ressignificação do profissional, acompanhando as diversas mudanças dentro da sociedade, e, além disso, tendo que lidar com problemas como o aumento das exigências e o acúmulo de tarefas sobre os mesmos. Embora seja uma pesquisa antiga, ainda se aplica na atualidade ao analisarmos a crescente pressão nos profissionais da educação e o particular panorama que se deu com a pandemia do COVID-19.

Nessa circunstância, os professores passaram a lidar com uma nova realidade, onde foram forçados a desenvolver habilidades com novas tecnologias em um curto período para lecionarem, além de uma maior exigência de correlacionarem seus deveres profissionais com o pessoal. Apesar de ter sido um contexto excepcional em relação aos anos posteriores, é visível como contribuiu para o desenvolvido do burnout nos docentes.

A Exaustão Emocional (EE) se manifesta pelo esgotamento físico e mental dos professores ao se envolverem em demasiado à instituição de ensino. Dentro do MBI, são respondidas nove afirmativas, dentre elas: a) eu me sinto fatigado quando acordo de manhã e tenho que enfrentar mais um dia de trabalho; b) eu me sinto frustrado com o meu trabalho; c) eu sinto que estou no meu limite. Essas afirmativas e outras auxiliam na pesquisa quantitativa desse sintoma, e ao considerarmos a fase da sociedade atual podemos pontuar que com o surgimento de novas tecnologias que estão a integrar o ensino e aprendizagem (sendo a mais recente o uso da Inteligência Artificial (IA) e a cobrança excessiva sobre esses profissionais acabam por desencadear essa sensação de falta de energia em seus âmbitos de trabalho.

A Despersonalização (DE) se manifesta pelo afastamento dos profissionais de seus clientes, nesse caso do professor de seus alunos. No MBI, constam cinco afirmativas no questionário, dentre elas podemos citar: a) eu sinto que me tornei mais insensível em relação às pessoas desde que comecei neste trabalho; b) eu realmente não me importo com o que acontece com alguns indivíduos. Quando os professores estão passando pela despersonalização, é uma forma de lidarem com o estresse excessivo de seus trabalho e se manifesta de diversas formas. Dentro desse cenário o professor passa a: tratar de forma impessoal os alunos e colegas de trabalho; ter menos empatia aos demais, tendo uma visão mais distante e objetiva ao tratar de diversos assuntos; serem mais céticos e cínicos em relação ao próprio trabalho e os alunos; a terem menos satisfação sobre o trabalho, resultando em uma visão negativa sobre seus serviços.



Essa visão negativa leva à Realização Profissional (RP) no qual os professores não veem elementos positivos em suas funções. Esse item no MBI constam oito itens no questionário, onde podemos destacar: a) eu realizei muitas coisas valiosas neste trabalho; b) eu lido de forma muito eficaz com os problemas dos meus destinatários; c) no meu trabalho, lido com problemas emocionais de forma muito calma. Em sala de aula, muitos professores não têm suas expectativas atendidas, perdem a motivação e não conseguem observar pontos positivos em suas funções, o causa efeitos em sua saúde física e mental.

2.2 A síndrome de burnout e a legislação brasileira

Internacionalmente, a síndrome de burnout foi reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como doença ocupacional em 2022, na CID 11, código QD85. Por outro lado, no Brasil foi reconhecida internamente através de uma publicação do Ministério da Saúde no Diário Oficial da União em 27 de novembro de 2023, onde há a atualização da lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho (LDRT) de 28 de setembro de 2017, e seu código — segundo a lista — é CID-10, Z73.0. Além desses fatores, é importante salientar leis anteriores da legislação brasileira que possibilitavam essa interpretação antes de ser oficialmente reconhecida.

Segundo a lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, artigo 20 são considerados acidentes do trabalho

- I – doença profissional, assim estendida a produzida ou desencadeada pelo exercício do trabalho peculiar a determinada atividade e constante da respectiva relação elaborada pelo Ministério do Trabalho e da Previdência Social;
- II – doença do trabalho, assim estendida a adquirida ou desencadeada em função de condições especiais em que o trabalho é realizado e como ele se relacione diretamente [...] (Brasil, 1991).

O artigo destacado abre interpretação referente ao burnout, mais especificamente relacionado aos professores dos diversos níveis de ensino. Profissional este, como discutido anteriormente, tem uma demanda de trabalho e cobrança excessivo, além de uma necessidade de se manter atualizado sobre as novas práticas pedagógicas e se reformular diante de desafios. Desafios estes que podem ser as tecnologias emergentes ou mesmo uma mudança brusca da rotina de seus alunos e colegas de serviços, tal como durante a pandemia do COVID-19. Uma vez que os professores realizam uma atividade de interação humana acarreta no desenvolvimento da síndrome de burnout e pode ser enquadrada na lei 8.213/91, artigo 20.

O decreto nº 7.602/2011, atualizado em 2019, traz a Política Nacional de Segurança e Saúde no Trabalho (PNSST) e segundo o documento tem como objetivo a



promoção da saúde e a melhoria da qualidade de vida do trabalhador e a prevenção de acidentes e de danos à saúde advindos, relacionados ao trabalho ou que ocorram no curso dele, por meio da eliminação ou redução dos riscos nos ambientes de trabalho (Brasil, 2011).

Além disso, o decreto deixa claro que para que alcance seus objetivos é implementado por meio de ações continuadas das ações do governo em relação aos trabalhadores. Nisso é observado as responsabilidades aos demais órgãos como o Ministério do Trabalho, ao Ministério de Saúde e ao Ministério da Previdência Social.

Ao Ministério do Trabalho são atribuídas funções que promovam regulamentação na segurança e da saúde do trabalhador. E por meio da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (FUNDACENTRO) são realizados pesquisas, análises e testes de medidas que visem compreender os problemas que afetam a segurança e saúde do trabalhador e formas de reduzir tais riscos, além de desenvolver e executar ações educativas com a intenção de melhorar as condições de trabalho. Dentre as competências do Ministério da Saúde podemos destacar a promoção da revisão periódica da listagem oficial de doenças relacionadas ao trabalho e estimular o desenvolvimento de processos de capacitação de recursos humanos em saúde do trabalhador.

Por último, o Ministério da Previdência Social tem entre suas funções: a) formulação e a proposição de diretrizes e normas relativas à interseção entre as ações de segurança e saúde no trabalho e as ações de fiscalização e reconhecimento dos benefícios previdenciários decorrentes dos riscos ambientais do trabalho; b) coordenar, acompanhar, avaliar e supervisionar as ações do Regime Geral de Previdência Social, bem como a política direcionada aos Regimes Próprios de Previdência Social, nas áreas que guardem inter-relação com a segurança e saúde dos trabalhadores; c) coordenar, acompanhar e supervisionar a atualização e a revisão dos Planos de Custeio e de Benefícios, relativamente a temas de sua área de competência. Ademais, por meio do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) são realizadas ações de reabilitação profissional e a avaliação da incapacidade laborativa em relação aos benefícios previdenciários.

Em relação aos benefícios do INSS, é importante frisar que ao ser requerida a aposentadoria por incapacidade permanente deve-se seguir os requisitos presentes nas Regras de aposentadora, sendo eles: ter 12 contribuição e

Benefício concedido àquele que for considerado, pela Perícia Médica Federal, incapaz para o trabalho e insuscetível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta subsistência.

Não é exigida carência nos casos de acidente de qualquer natureza, inclusive o decorrente de acidente de trabalho e, quando após filiar-se ao RGPS, o segurado for acometido de alguma das doenças ou afecções especificadas em lista elaborada pelos Ministérios da Saúde e da Economia (Brasil, 2024).



Tendo em vista tais circunstâncias, se a origem do burnout esteja relacionando as condições de trabalho, o requerimento da aposentadoria pode ser de caráter acidentário. Porém, vale ressaltar que mesmo que seja concedida a aposentadoria, é necessário uma avaliação periódica pela perícia médica para verificar se o trabalhador se mantém incapaz de dar seguimento ao serviço.

Dentro desse panorama apresentado, compreendemos que a legislação brasileira têm se adaptado de acordo com a realidade dos trabalhadores que são submetidos a uma pressão exacerbada em seus locais de serviço e desenvolvem a síndrome de burnout como resultado. Além da legislação em constante atualização, há também de doenças que são revisitadas e modificadas, o que se dá pelo avanço das pesquisas referentes a tal síndrome e seus impactos que apesar de existirem há décadas têm ganhado força desde a pandemia do COVID-19.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No atual contexto são muitas as transformações acontecendo em tempo real em que demanda do professor desempenhar vários papéis ao mesmo tempo: o de educador, psicólogo, pai e mãe, conselheiro, amigo entre outros papéis e, é a partir daí que surgem os questionamentos a respeito das funções laborais do professor nesse processo de transformação no cenário educacional.

Nesse sentido, o professor deve desenvolver sim, seu trabalho educacional, mas sem esquecer de que é um profissional que deve atentar para seus limites, como qualquer outro trabalhador, logo, deve atentar sobre os cuidados de sua saúde física e psicológica. Pois, é fato, escolas exigirem resultados positivos que pedem do educador uma doação máxima para a formação de sujeitos em crescimento e desenvolvimento.

Desse modo, as instituições de ensino cobram resultados satisfatórios e eficazes nesse sentido e sobrecarregam de atividades o professor sem se preocupar com o que pode lhe acarretar de prejuízos.

O professor não pode fazer aquilo que está além das suas possibilidades de educador, ou seja, cada um deve e pode fazer sua parte: família, educadores, pedagogos, direção, secretários, assistentes da limpeza, da merenda e os demais. Desse modo, todos devem estar envolvidos para melhorias e resultados condizentes com a realidade educativa da escola e dos alunos. A forma de pensar do professor deve ser de trabalho em conjunto: sociedade; escola, família, Estado entre outros, para a “realização do ensino aprendizagem do sujeito em desenvolvimento, para que assim, de fato seja feita a diferença no dia-a-dia desse aluno e, conseqüentemente, o professor se sinta satisfeito com os resultados do trabalho desenvolvido com os alunos” (Shirom, pg. 113, 2003).



Partindo do pressuposto acima citado, verifica-se que os resultados obtidos na presente pesquisa identificaram que é cada vez maior o sentimento de distanciamento e menor o de realização no trabalho entre os professores e profissionais da educação. Nesse sentido, diversos são os fatores que contribuem para tal fato.

Dentre eles podemos destacar a carga horária, que quanto mais elevada maior é o sentimento de desgaste emocional e menor o sentimento de realização com o trabalho, cabendo lembrar aqui que a pesada carga horária se dá pela necessidade do profissional em obter um melhor e real ganho salarial defasado e esquecido pelo poder público. Além disso, a elevação do número de alunos atendidos aumenta e contribui para o desgaste emocional, o distanciamento do propósito como educador e a diminuição da realização profissional.

Em última análise, verifica-se que educadores que atuam em escolas públicas possuem maior desgaste emocional, maior despersonalização, sentimento de desvalorização e menor realização profissional.

Assim sendo, a Síndrome de Burnout ocorre, entre outros fatores, pelo desenvolvimento conjunto da baixa realização profissional e da exaustão emocional, considerando o processo de desenvolvimento em trabalhadores da educação. (Gil-Monte, Peiró e Valcárcel, 1998; Gil-Monte, 2005). Além disso, outros fatores associados à síndrome de burnout em professores, categorizam-se em dois grandes grupos de variáveis segundo Maslach, Schaufeli, e Leiter (2001)

- a) fatores individuais, que compreendem as variáveis sociodemográficas como sexo, idade, estado civil, situação conjugal, escolaridade, formação, remuneração e fatores de personalidade que abarcam suas características, as estratégias de enfrentamento (*coping*), a autoeficácia, o *locus* de controle, a autoestima, a motivação e a empatia;
- b) fatores contextuais relacionados ao cargo/trabalho em que se consideram carga de trabalho, pressão do tempo, quantidade de alunos e horas trabalhadas, realização de atividades administrativas, relações interpessoais entre gestores, colegas, alunos e funcionários e familiares, as condições físicas e os recursos disponíveis, o apoio social, a autonomia, demandas emocionais, satisfação, normas de funcionamento, valores organizacionais, modelo de gestão, políticas educacionais, questões pedagógicas e de gestão curricular, cultura da escola, além de aspectos sociais, econômicos e culturais (Boa e Deps, 2015; Maslach, Schaufeli e Leiter, 2001; Nogueira, 2012).

Em uma revisão, realizada por Carlotto (2010), foi identificado que a síndrome de burnout estava mais associada a um perfil de professores mais jovens, do sexo feminino, com maior carga horária e maior número de alunos contatados diariamente, com menores satisfação com o trabalho e reconhecimento dos resultados obtidos em suas atividades docentes.

Mais recentemente, uma pesquisa realizada por Santos e Nascimento Sobrinho (2012), revelaram que os resultados identificaram uma nítida associação entre a atividade docente e o



burnout devido ao excesso de trabalho, a indisciplina dos alunos, a baixa remuneração, a falta de reconhecimento profissional e de reciprocidade na relação com os alunos, o conflito relativo à sobrecarga do papel de educador, a relação professor-família, a presença de dúvidas quanto à competência profissional, problemas de relacionamento com colegas, formação insuficiente para a prática do trabalho e o excesso de responsabilidades.

A despersonalização aumenta com maior tempo de serviço, percepção das expectativas familiares, mau comportamento dos alunos, falta de participação nas decisões institucionais considerada como fator de estresse, de oportunidade futura de crescimento, de estabilidade e trabalho como espaço total de vida, de estabilidade no emprego, de atuar em escola pública, de menor satisfação com o crescimento profissional, de maior variedade de habilidades, de melhor situação funcional. No entanto, essa dimensão tende a diminuir com maior satisfação intrínseca com a tarefa, mais contato social, melhor relação com colegas e alunos.

A realização profissional diminui conforme o maior tempo de exercício profissional, pensamento de mudar de profissão, percepção de mau comportamento dos alunos como estressor, acreditar que o trabalho interfere na vida pessoal, considerar a profissão menos interessante do que quando começou, acreditar que a profissão está gerando estresse, atuar em escola pública, maior carga horária e número de alunos, menor satisfação com crescimento e contato social e estabilidade no trabalho; no entanto aumenta com maior satisfação no trabalho, melhor relacionamento com colegas e alunos, oportunidade futura de crescimento, segurança e trabalho como espaço total de vida..

A análise desse conjunto de variáveis indica a investigação focalizada em estressores, características do cargo e a satisfação no trabalho. Embora sejam variáveis que tenham demonstrado sua importância nos modelos explicativos de *burnout*, verifica-se a necessidade de ampliação, a fim de dar maior consistência aos resultados das investigações, pois, segundo o modelo teórico de burnout de Maslach, nas características do trabalho é que residem suas maiores causas (Maslach e Leiter, 1997).

Para além do estudo da presença de demandas de trabalho, as pesquisas devem direcionar-se para a investigação de variáveis como a falta de recursos físicos e materiais no trabalho. Nessa categoria, pôde-se verificar que existe um número maior de possibilidades a ser avaliado. Com base nesses dados, perceberam-se opções de maior diversificação de resultados, podendo também apresentar como variáveis de futuros estudos, além das já citadas neste trabalho, a preparação insuficiente dos profissionais para a prática do trabalho, o excesso de responsabilidades, a diferença entre os níveis de ensino, a violência que está cada dia mais presente nas escolas, o tempo e a



qualidade de deslocamento dos profissionais de casa para o trabalho e vice-versa, além de pesquisas que visem ao ambiente físico escolar, bem como a cultura e as normas da instituição.

Assim, essa revisão bibliográfica pode ser útil para subsidiar novos estudos e intervenções a partir da identificação das lacunas do conhecimento a respeito do assunto aqui abordado. Nesse sentido, o presente estudo objetivou levantar os principais resultados de pesquisas anteriores já realizadas no tocante aos fatores associados ao *burnout* em professores, no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre os fatores associados ao *burnout* em professores nos permitiu concluir que há evidências que revelaram um maior perfil constituído por mulheres, profissionais mais jovens e que fazem uso de estratégias de enfrentamento focalizadas na emoção ou evitação. São docentes que atendem a um número maior de alunos diariamente, têm maior carga horária e sobrecarga de trabalho, mais tempo de docência, atuam em escola pública, têm estabilidade no emprego, sob piores condições de trabalho, convivendo com ruídos no ambiente, constitucionalismo na organização do trabalho, convivem com conflito, ambiguidade de papel, variedade de habilidades ou com cargos de chefia que constituem a população mais propensa ao *burnout*.

De modo geral, os profissionais percebem a profissão, as expectativas familiares, o mau comportamento dos alunos e a falta de participação nas decisões institucionais como fatores estressantes e acreditam que a profissão está interferindo como fator estressor na vida pessoal, considerando a profissão menos interessante de quando iniciou e, na avaliação sobre qualidade de vida no trabalho, consideram o trabalho como espaço total de vida.

Como consequência do *burnout*, verificou-se o afastamento do emprego por problemas de saúde, a mudança de profissão e a apresentação de algum problema de saúde. No entanto devemos considerar um perfil de profissionais menos propenso a Síndrome, isto é, os que têm melhor relação com colegas e alunos, mais apoio social, facilidade no contato social, oportunidade futura de crescimento pessoal, satisfação com crescimento profissional, satisfação com colegas, trabalho e salário, satisfação com as tarefas pedagógicas da função, *feedback* positivo do trabalho proposto e realizado no ambiente escolar.

Assim, o estudo bibliográfico aqui desenvolvido revelou a necessidade de um aprofundamento de maiores pesquisas sobre a Síndrome de Burnout em professores, sugerindo uma ampliação do conjunto de variáveis como renda e formação; a inclusão de fatores de personalidade, como autoestima, motivação e empatia; além de variáveis laborais, incluindo regime de trabalho e atividade em mais de uma instituição, o tempo e a qualidade do deslocamento dos profissionais de



casa para o trabalho ou de um trabalho para outro, níveis de ensino, pressão do tempo, realização de atividades administrativas e demandas emocionais, além da realização de pesquisas práticas e mais detalhadas que abordem a violência vivenciada no contexto do âmbito escolar assim como a ampliação de pesquisas no que tange ao ambiente físico e escolar, à cultura, às normas e às relações entre gestores e profissionais da educação.

Portanto torna-se imprescindível, ainda, incluir em estudos futuros variáveis que levem em consideração a interação trabalho-família, saúde geral e transtornos mentais comuns aos profissionais da educação, como transtornos do comportamento, depressão, ansiedade e adição na vida pessoal relacionadas ao trabalho.

Os estudos aqui identificados concluem-se como uma revisão predominantemente como uma amostra bibliográfica e não probabilística, o que limita a generalização e consolidação de seus resultados ainda a serem alcançados no tema aqui abordado.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 7.602, de 7 de novembro de 2011.** Regulamenta a participação social no âmbito do Poder Executivo federal e institui o Sistema de Participação Social Interministerial. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 7 nov. 2011. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2011/decreto-7602-7-novembro-2011-611735-norma-pe.html>. Acesso em: 5 out. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). **Regras de aposentadoria.** Disponível em: <https://www.gov.br/inss/pt-br/direitos-e-deveres/aposentadoria/regras-de-aposentadorias>. Acesso em: 5 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.** Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 24 jul. 1991. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1991/lei-8213-24-julho-1991-363650-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 5 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 1.999, de 27 de novembro de 2023.** Institui o Programa de Qualidade de Vida e Bem-estar dos Trabalhadores do Sistema Único de Saúde – SUS. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, n. 226, p. 31-33, 28 nov. 2023. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-1.999-de-27-de-novembro-de-2023-526629116>. Acesso em: 14 set. 2024.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, 27, 403-410, 2011.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em estudo**, v. 7, p. 21-29, 2002.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of organizational behavior**, v. 2, n. 2, p. 99-113, 1981.



MASLACH, C.; SCHAUFELI, W. B.; LEITER, M. P. Job Burnout. **Annual review of psychology**, v. 52, n. 1, p. 397-422, 2001.

MOREIRA, A. L. V. **O reconhecimento da síndrome de Burnout como doença ocupacional após a pandemia COVID-19 e suas implicações no Direito do Trabalho brasileiro**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso.

SOUZA, M. C. L. de; CARBALLO, .F.; LUCCA, S. R. de. Fatores psicossociais e síndrome de burnout em professores da educação básica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e235165, 2023.

UNESCO. O professor no século XXI: exigências e desafios. In: UNESCO. **O Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004. p. 27-36.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Cartografias dos estudos culturais. Uma versão latino-americana. In: ESCOSTEGUY, A. C. D. **Identidades culturais: uma discussão em andamento**. Ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 145-177

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONDIM, L. M. de P. **Pesquisa em ciências sociais: o projeto da dissertação de mestrado**. Fortaleza: EUFC, 1999.

QUIJANO, A.. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. 1ª ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005, p.107-127. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/ENSP_Disserta%C3%A7%C3%A3o_Cunha_K%C3%A1tia_Wal%C3%A9ria_Vieira.pdf